

Zé Alberto, presente!

Adriana Miranda-Ribeiro¹

Não tenho dúvidas de que José Alberto foi o melhor professor que tive. Que privilégio! Cada aula era uma viagem. Da demografia formal aos exemplos do cotidiano da vida na roça, ele sabia traduzir a Demografia para uma linguagem simples, como ninguém. Difícil era acreditar que havia se tornado demógrafo por acaso, como gostava de contar. Ele tinha a Demografia no sangue e um raciocínio demográfico inigualável. Que sorte eu tive! Seus ensinamentos iam muito além da sala de aula. Dono de uma generosidade imensa, mantinha a porta da sua sala de diretor do Cedeplar sempre aberta, para tirar dúvidas de um exercício de TAD, para discutir como projetar a migração em AAD, ou para falar da vida, coisa da qual gostava muito. Depois, como diretor da FACE, sempre me recebeu em sua sala, também para conversas sobre a minha tese, da qual foi co-orientador. Que honra! A co-orientação, aliás, não veio por acaso. Foi em uma de suas aulas que minha vida se transformou. Na leitura coletiva de um texto, descobri o tema com o qual “me casei por amor” e que me acompanha até hoje. E ele esteve sempre lá, me acompanhando. Depois, me casei de vez com a Demografia e, novamente, Zé Alberto teve um papel fundamental, como só ele poderia ter tido naquele momento. Sou muito grata a ele por isso, jamais me esquecerei! Me considero uma privilegiada por tantos anos de convivência, por tantos ensinamentos. Mas há uma lição que terei que aprender sozinha... porque demógrafos aprendem sobre mortalidade, mas não sobre partidas. Que dura lição. Zé Alberto, presente!

¹ Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).